



HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA DE/EM SERGIPE (1972-2007)

Antônio Fernando de Araújo Sá*

RESUMO

Inserido no processo de avaliação da produção acadêmica ora em curso no âmbito das universidades brasileiras, este trabalho tem por objetivo analisar a produção intelectual do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe no período de 1972-2007, buscando, através da discussão teórica, metodológica e das fontes utilizadas pelos seus pesquisadores, perceber as transformações ocorridas na historiografia sergipana durante o período analisado.

PALAVRAS-CHAVE: história da historiografia, Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, Brasil

(*) Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe. afsa@ufs.br



“Nunca uma sociedade se revela tão bem como quando projecta para trás de si sua própria imagem”.

Charles-Olivier Carbonell¹

Nas últimas décadas, a historiografia tem sido objeto de análise de intensa produção intelectual no Brasil, como pode ser aferido num livro editado no início dos anos 1990 por Carlos Fico e Ronald Polito. Polemizando com autores como José Amaral Lapa e Carlos Guilherme Mota, preocupados mais com o modo de produção historiográfico, os autores sugerem que a historiografia não é apenas a *“efetiva produção do conhecimento histórico mas, também, na medida do possível, a sua disseminação social”*².

Concomitantemente, assistimos a uma verdadeira *“febre”* pela história regional e local nas historiografias do Ocidente, tais como México, Espanha, Inglaterra, Argentina e no Brasil. Leticia Gamboa Ojeda expôs as vantagens e os perigos que subjazem a esta prática historiográfica, enfatizando que o conhecimento mais profundo e mais íntimo de seu objeto de estudo possibilita uma história encarnada, com alto conteúdo pedagógico e psicossocial. Contudo, também a professora evidencia o risco do isolamento, do subjetivismo, do empirismo e da descontextualização e da falta de comparação com outras realidades³.

No caso sergipano, não foi diferente, apesar de haver certo consenso entre os historiadores que a historiografia sergipana foi analisada até recentemente apenas através de textos e artigos esparsos, o que resultava em certa fragilidade da reflexão teórica sobre a prática historiográfica.

¹ CARBONELL, Charles-Olivier. **Historiografia**. Lisboa: Teorema, 1981, p. 6.

² FICO, Carlos & POLITO, Ronald. **A História no Brasil (1980-1989): Elementos para uma avaliação historiográfica**. Ouro Preto: Editora da UFOP, 1992, p. 18.

³ OJEDA, Leticia Gamboa. Ventajas y riesgos de la historia regional y local: Reflexiones a partir de la experiencia mexicana. In: **Pós-História. Revista de Pós-Graduação**. Assis/SP: UNESP, n° 9, 2001.



Apesar de esparsa, a obra historiográfica de José Silvério Leite Fontes influenciou toda uma geração de historiadores. Para ele, a criação da cadeira de *Introdução aos Estudos Históricos*, na então Faculdade Católica de Filosofia, reabriu o interesse pela pesquisa e pela problemática local. Mas foi com a organização departamental durante a criação da Universidade Federal de Sergipe (1968), que os professores puderam ter maior contato e cooperação e a denúncia do desinteresse pelos documentos históricos por órgãos governamentais facilitou a construção do *Projeto do Levantamento de Fontes Primárias para a História de Sergipe* (1972), que serviu de modelo intelectual para o Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe nos anos 1970 e 1980⁴.

Em *Heurística e a História de Sergipe*, José Silvério Leite Fontes sugere que, em Sergipe, nos anos 1970, há uma carência de um trabalho coletivo de “reunir, registrar e catalogar todas as informações de nosso passado”. Naquele momento, a heurística encontrava-se ainda descuidada entre nós. Além disso, importa observar que o historiador propõe, neste breve artigo, uma mudança de rumo da historiografia sergipana, no sentido de que “o nosso passado não pode ser o dos heróis, mas o dos homens comuns, dos movimentos coletivos, quando as personalidades emergem na convivência das coletividades, sem projetar-se sobre elas”⁵.

Sua tese de livre-docência talvez seja a sua principal colaboração teórica para o debate historiográfico em Sergipe na década de 1970. Escrita em 1976 e só tardiamente publicada, em suas conclusões, Fontes afirma que, sem tomar uma posição unilateral contra o marxismo, os historiadores marxistas analisados (Nelson Werneck Sodré, Caio

⁴ FONTES, José Silvério Leite. O Levantamento das fontes primárias da história de Sergipe. **Cadernos da UFS**. São Cristóvão, n. 1, Universidade Federal de Sergipe, p. 6-7. Ver também FONTES, J. S. L. Entrevista. In: **Cadernos UFS História**. São Cristóvão-SE: EDUFS, v. 02, n. 03, julho, dezembro, 1996. p. 07-18.

⁵ FONTES, José Silvério Leite. A Heurística e a História de Sergipe. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Nº 27, 1965-1978, p. 7-13 [p. 8 e 12].



Prado Júnior, Darcy Ribeiro e Florestan Fernandes) possuíam uma interpretação insuficiente da realidade social brasileira⁶.

Outro estudo pioneiro e modelar foi o do professor José Calazans, em que delimita em quatro fases a historiografia sergipana. A primeira diz respeito aos trabalhos relativos a Sergipe, desde suas origens até o final do século XIX. A segunda fase é inaugurada pela publicação de **História de Sergipe** (1891) de Felisbelo Freire. O surgimento do IHGS abre a terceira fase (1912) e, por fim, com a Universidade Federal de Sergipe (UFS - 1968) inaugura-se a quarta fase. Em linhas gerais, sua proposta permanece como elemento balizador de outros trabalhos⁷.

Também podemos incluir um opúsculo de Maria Thétis Nunes sobre o pioneirismo do trabalho intelectual de Silvio Romero e Manoel Bomfim. Apesar da obra do primeiro ser “um grito pelo despertar de uma consciência nacional”, a contribuição de Bomfim é mais significativa por afirmar que povos e nações devem classificados por “valores culturais e não os raciais”⁸.

No início da década de 1980, Francisco Carlos Teixeira da Silva criticou, com acuidade, a historiografia sergipana por se resumir a duas problemáticas básicas: *a questão dos limites, principalmente com a Bahia, e a transferência da capital provincial de São Cristóvão*. Ao mesmo tempo, sugere que os trabalhos de Silvério Fontes, Maria Thétis Nunes, Maria da Glória Santana de Almeida e Luis Mott não utilizaram métodos e técnicas mais apuradas de análise histórica. Entre as importantes lacunas historiográficas sobre Sergipe, o autor apontou os pre-

⁶ FONTES, J. S. L. **Marxismos na historiografia brasileira**. Aracaju: EDUFS, 2001; SÁ, Antônio Fernando de Araújo, MENEZES, Ademir, SANTOS, José Adelson dos, CONCEIÇÃO, Gilvânia & RIBEIRO NETO, Quintino. Entrevista com José Silvério Leite Fontes. In: **Cadernos UFS: História**. São Cristóvão: v. 2, n. 3, jul./dez. 1996, p. 7-15.

⁷ CALAZANS, José. Introdução ao estudo da historiografia sergipana. In: **Aracaju e outros temas sergipanos**. Aracaju: FUNDESC, 1973.

⁸ NUNES, Maria Thétis. Silvio Romero e Manuel Bomfim, pioneiro de uma ideologia nacional. In: **Caderno da UFS**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 1972, p. 34-35.



ços e salários, os estudos demográficos, de transporte e a expansão da rede urbana e as hierarquias sociais⁹.

Com a redemocratização brasileira em 1985, quando o departamento tornou-se o principal lugar da produção em história¹⁰, é perceptível a passagem dos pequenos ensaios e comentários dispersos para um amadurecimento teórico-metodológico da historiografia sergipana. Dentre as novidades historiográficas, mencionamos a dissertação de mestrado de José Maria de Oliveira Silva sobre Manuel Bomfim (1991), que “tem como eixo explicitar aspectos de sua ideologia radical na prática do liberalismo na sociedade brasileira”¹¹, a partir da crítica aos teóricos do racismo e sua defesa apaixonada do nacionalismo. Já a dissertação de Itamar Freitas (2000) coloca o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe como uma das principais agências em Sergipe de difusão do projeto civilizatório no início de século XX, com as tarefas de demarcar o território, estabelecer uma memória comum e civilizar a sociedade¹². Como subproduto da dissertação, é transformado em livro o catálogo da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, constituído de índices (analítico e de autores), resumos e referências completas de todos os artigos publicados até 1999. É aproveitada grande parte do capítulo quarto de sua dissertação para a composição da introdução, em que o autor analisa as contribuições heurísticas, geográficas e historiográficas do periódico da “Casa de Sergipe”¹³.

⁹ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **Camponeses e criadores na formação social da miséria em Porto da Folha no sertão do São Francisco (1820-1920)**. Niterói/RJ: Universidade Federal Fluminense, 1981 (Dissertação de Mestrado).

¹⁰ DIEHL, Astor Antônio. **Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação**. Bauru: EDUSC, 2002, p. 188.

¹¹ SILVA, José Maria de Oliveira. **Da Educação à Revolução: Radicalismo republicano em Manoel Bomfim**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1991 (Dissertação de Mestrado), p. 5.

¹² FREITAS, Itamar. **“Casa de Sergipe”: historiografia e identidade na Revista do Instituto Histórico de Sergipe**. Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000 (Dissertação de Mestrado).

¹³ FREITAS, Itamar. **A Escrita da História na “Casa de Sergipe” (1913-1999)**. São Cristóvão: Editora da Universidade Federal de Sergipe; Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2002.



Por fim, a tese de doutorado de Francisco José Alves sobre Felisbello Freire (1998), que busca realizar uma “crítica compreensiva” da obra historiográfica do historiador, examinando as categorias principais na sua articulação com o evolucionismo, o romantismo e o naturalismo¹⁴.

Ao mesmo tempo, a reforma curricular do Departamento de História (1993), ao implantar a obrigatoriedade das monografias de graduação, colaborou para uma visão mais consistente da historiografia sergipana, renovando a historiografia de/sobre Sergipe no período de 1995 a 2007¹⁵.

Identificamos um primeiro conjunto de monografias que se concentra nos principais historiadores de Sergipe, propondo uma metodologia de análise em que se baseia nos conceitos de obra, autor, concepção, método e forma do discurso histórico. Nessa perspectiva contextualista, citamos as seguintes monografias de graduação. Claudfrankly Monteiro Santos escreve sobre Manuel Bonfim, baseando-se na revisão bibliográfica de autores como Maria Thétis Nunes, Renato Ortiz, Dante Moreira Leite e José Maria de Oliveira Silva¹⁶. Norberto Rocha de Oliveira analisa a produção intelectual da professora Maria Thétis Nunes, tomando como *démarche* sua participação no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e a influência intelectual marxista de Nelson Werneck Sodré¹⁷. Em sua monografia sobre José Silvério Leite Fontes, Ademir Pinto de Menezes enumera sua contribuição para a historiografia sergipana, afirmando que a “diversidade do pensamento humano” foi a maior das preocupações de Silvério

¹⁴ ALVES, Francisco José. **“A Marcha da Civilização”: uma leitura da historiografia de Felisbello Freire**. Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998 (Tese de doutorado).

¹⁵ Para a construção desta tipologia sobre as monografias de graduação em História, aproximo-me das idéias de Francisco José Alves. Histórias da História: Uma crítica preliminar. In: **Debates Regionais**. João Pessoa, n. 2, p. 104-111, 1995.

¹⁶ SANTOS, Claudfranklin Monteiro. **Identidade Nacional e Manoel Bonfim. Sua contribuição**. São Cristóvão: Departamento de História/UFS, 1995 (monografia de graduação).

¹⁷ OLIVEIRA, Norberto Rocha de. **Maria Thétis Nunes: Uma contribuição para a historiografia sergipana**. São Cristóvão: Departamento de História/UFS, 1997 (monografia de graduação).



Fontes¹⁸. Sobre José Calasans, Carlos Antônio dos Santos elabora um trabalho descritivo marcado pela preocupação bio-bibliográfica, realçando sua contribuição para a história e o folclore sergipanos, mas cuja ênfase recai sobre os estudos sobre a Guerra de Canudos¹⁹. Diferentemente, Rita Leila Cardoso disserta sobre a atuação deste historiador sergipano como dinamizador das atividades do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe na década de 1940, tomando como ponto de partida a tentativa fracassada de realizar o *I Congresso de História e Geografia de Sergipe (1942/1946)*²⁰.

José Wilson Moura Santos compila uma antologia sobre a historiografia de Francisco Antônio de Carvalho Lima Júnior, mostrando que sua produção historiográfica estava voltada para a biografia e temas político-administrativos, com grande intimidade no manuseio de fontes, tais como cartas, jornais, documentos oficiais, livros e tradição oral. Entretanto, também escreveu sobre o custo de vida, os hábitos e a indumentária da sociedade sergipana²¹.

Já Uilder do Espírito Santo Celestino analisa a obra histórica de Acrísio Torres Araújo, *Pequena História de Sergipe*, demonstrando que ela não ultrapassa os textos clássicos de Felisbelo Freire, Antônio José da Silva, Francisco Antônio de Carvalho Júnior e Ivo do Prado²².

¹⁸ MENESES, Ademir Pinto de. **José Silvério Leite Fontes. Uma contribuição para a historiografia sergipana**. São Cristóvão: Departamento de História/UFS, 1998 (monografia de graduação).

¹⁹ SANTOS, Carlos Antônio dos. **“O Senhor da Velha Guarda”: notas acerca do pensamento historiográfico de José Calasans**. São Cristóvão: Departamento de História/UFS, 1999 (monografia de graduação).

²⁰ CARDOSO, Rita Leila. **Breve história do I Congresso de História e Geografia de Sergipe (Aracaju 1942/1946)**. São Cristóvão: Departamento de História/UFS, 2005 (Monografia de Graduação).

²¹ SANTOS, José Wilson Moura. **A Historiografia de Francisco Antônio de Carvalho Lima Júnior: Introdução e Antologia**. São Cristóvão: Departamento de História/UFS, 2002 (monografia de graduação).

²² CELESTINO, Uilder do Espírito Santo. **A Obra Histórica de Acrísio Torres Araújo: Uma Leitura da “Pequena História de Sergipe”**. São Cristóvão: Departamento de História/UFS, 2007 (Monografia de Graduação).



Por fim, não podemos esquecer o artigo de Dilton Maynard, que critica a postura elitista do trabalho historiográfico de Epifânio Dória, pois suas biografias panegíricas, alicerçadas na genealogia familiar e no caráter orgânico das relações familiares, compunham uma história eminentemente cívica, comemorativa, baseada nos detalhes e pormenores²³.

Outro conjunto de trabalhos incide sobre a análise das narrativas de historiadores, numa perspectiva interna do discurso histórico de corte formalista. É o caso do trabalho de Itamar Freitas, que, influenciado pela obra de Hayden White, elabora, a partir do livro **Laudas da História de Aracaju**, uma análise historiográfica, na qual se privilegia as estratégias discursivas empregadas por Sebrão Sobrinho para elaborar sua obra²⁴. Sob a orientação da professora Dra. Terezinha Oliva, este autor também colaborou numa importante análise historiográfica sobre a história dos municípios sergipanos²⁵.

Evilson Nunes elabora uma edição comentada e anotada dos dez discursos proferidos pelo político e historiador Felisbello Freire na Câmara Federal, entre os anos de 1984 e 1916, demonstrando que o discurso histórico fazia parte da estratégia discursiva para legitimar o discurso político do deputado sergipano como verdadeiro ante seus pares²⁶.

A monografia de Isabela Costa Chizolini sobre a obra de Manuel dos Passos de Oliveira Telles (1885-1928), ao contrário de outros jovens historiadores, que ora analisaram sua trajetória de vida, ora relevaram sua contribuição historiográfica sobre a questão dos limites entre Sergipe

²³ MAYNARD, Dilton Cândido Santos. O Beneditino Pesquisador: a contribuição de Epifânio Dória à historiografia sergipana. **Revista Tomo**. São Cristóvão, Núcleo de Pós-Graduação em Ciências Sociais, n. 1, 1998.

²⁴ FREITAS, Itamar. **A escrita histórica de Sebrão Sobrinho: Uma análise de laudas da história de Aracaju**. São Cristóvão: Departamento de História/UFS, 1996 (monografia de graduação).

²⁵ FREITAS, Itamar, ANDRADE, Péricles de Moraes Júnior & SANTOS, Elissandra Silva. **Histórias dos municípios sergipanos**: uma análise historiográfica. São Cristóvão: Departamento de História/COPES/CNPq/UFS, 1997 (Relatório de iniciação científica)

²⁶ NUNES, Evilson. **Sob o Guia da História: dez discursos de Felisbello Freire na Câmara Federal**. São Cristóvão: Departamento de História/UFS, 2005 (Monografia de Graduação).



e Bahia, optou por estudar um livro epistolar inédito de Oliveira Telles – *Cartas Íntimas e Literárias* -, na tentativa de perceber como a vida privada do historiador condicionou sua escrita historiográfica²⁷.

Esta proposta de análise se aproxima da monografia de Polyana de Oliveira que utiliza a correspondência ativa e passiva de Epifânio Dória para pensar o processo de formação e consolidação do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe na década de 1930. Talvez a contribuição do trabalho seja a recuperação da importância de Epifânio Dória como figura singular dentro do IHGS, tanto que lhe foi conferido o título de “secretário Geral Perpétuo” no seu Estatuto, por conta de seu prestígio político²⁸.

Maria Fernanda dos Santos segue essa tendência ao analisar a escrita da história de Severiano Cardoso, a partir de um manuscrito inédito *Corografia de Sergipe* (1895). Seu objetivo é analisar o seu valor histórico comparando-o com duas outras obras contemporâneas, a de Silva Lisboa, *Chorografia do Estado de Sergipe* (1897) e de Laudelino Freire, *Quadro Chorographico de Sergipe* (1898). Além da descrição dos municípios sergipanos, talvez sua principal contribuição seja o relato das características do cotidiano e das relações sociais da população sergipana na segunda metade do século XIX²⁹.

Já Ítalo Elmo dos Santos Rodrigues escreve sobre as representações da história na literatura de cordel, tomando como ponto de partida os livretos do escritor sergipano Zé Antônio. Sua escolha se deveu ao fato do cordelista assumir uma condição de “homem de fronteira”

²⁷ CHIZOLINI, Isabela Costa. **Simplemente Um Obscuro Intelectual Sergipano: Escritos Sobre a Vida Íntima de Manuel dos Passos de Oliveira Telles (1885-1928)**. São Cristóvão: Departamento de História/UFS, 2005 (Monografia de Graduação), p. 27.

²⁸ OLIVEIRA, Polyana Aragão Menezes. **O que dizem as cartas? Formação e Consolidação do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe a Partir de Uma análise de Correspondência de Epifânio Dória na Década de 1930**. São Cristóvão: Departamento de História/UFS, 2005 (Monografia de Graduação).

²⁹ SANTOS, Maria Fernanda dos. **A Escrita da História de Severiano Cardoso no entardecer do Século XIX**. São Cristóvão: Departamento de História/UFS, 2007 (Monografia de Graduação).



entre a cultura erudita e popular, entre os problemas do sertão e das periferias urbanas. Uma de suas principais preocupações é denunciar as injustiças e aos abusos de poder das autoridades governamentais locais, nacionais e internacionais³⁰.

Já Saullo Guedes Resende critica a “ilusão do sentido literal” dos fatos e dos discursos históricos presente no discurso historiográfico de Francisco Iglesias em *Historiadores do Brasil*, utilizando categorias da Análise do Discurso, de matriz francesa, como *heterogeneidade discursiva e interdiscurso*³¹.

Um caso particular, que tenta articular teoria sociológica e rigor histórico, é a monografia de Cristiane Vitória de Souza sobre a “República da Letras” em Sergipe (1889 – 1930). À luz dos conceitos de Pierre Bourdieu (campo intelectual, habitus, capital social, capital cultural e identidade regional) e de Roger Chartier (apropriação e representação), a autora chega à conclusão que os intelectuais sergipanos buscaram criar mecanismos de consagração, como o recrutamento por critérios sociais, a promoção de discursos, conferências e tertúlias literárias, além da troca de elogios e do usufruto do mecenato, para evitar a migração para outros centros intelectuais à procura de prestígio³².

Quais foram às contribuições gestadas pelo Departamento de História nas últimas décadas para a história da historiografia? Como se estabeleceu o diálogo com outras instituições produtoras do conhecimento histórico ao nível local, como o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, bem como no âmbito nacional, através das universidades federais e estaduais, com seus encontros e simpósios? Será que a recu-

³⁰ RODRIGUES, Ítalo Elmo dos Santos. **As representações da história na literatura de cordel (um cordelista chamado Zé Antônio)**. São Cristóvão: Departamento de História/UFS, 2007 (Monografia de Graduação).

³¹ RESENDE, Saullo Guedes. **O Discurso Historiográfico de Francisco Iglesias em Historiadores do Brasil**. São Cristóvão: Departamento de História/UFS, 2007 (Monografia de Graduação).

³² SOUZA, Cristiane Vitória de. **A “República da Letras” em Sergipe (1889 – 1930)**. São Cristóvão: Departamento de História/UFS, 2001 (monografia de graduação).



peração de autores da historiografia sergipana, como Ephifâneo Dórea ou Sebrão Sobrinho, não podem interpelar os estudiosos a pensarem se tais autores são, de fato, menores? Não será por desconhecimento que os caracterizamos assim?³³

Podemos caracterizar a década de 1990 como um marco dentro da historiografia sergipana, na medida em que se percebe um amadurecimento da história enquanto disciplina com a transformação do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe como principal *locus* da produção intelectual. Notamos que a historiografia não é vista como mero arrolamento de autores e obras, mas como possibilidade de se compreender, através das obras históricas, as “*visões ou teorias que as orientaram ou circunstanciaram, bem como o estudo das forças de percepção, vale dizer, das perspectivas ou ideologias que subjazem às obras, no interior das quais ganha realce o significado dos temas e problemáticas selecionadas*”³⁴.

Contudo, encontramos alguns trabalhos ainda presos à forma tradicional dos estudos próximos à história da literatura, numa perspectiva apenas bio-bibliográfica, em que sobressai a proposta de estudo em torno de autores e obras. Por outro lado, como já ressaltara Carlo Ginsburg³⁵, os jovens historiadores não têm se mostrado muito afeitos às implicações teóricas do seu trabalho, resvalando, às vezes, em reflexões metodológicas sobre conceitos que parecem ingênuas a espíritos filosoficamente formados.

Do ponto de vista da orientação das monografias do curso de história, destacamos dois professores ligados ao Departamento de História: Francisco José Alves e Itamar Freitas, pois, juntos, quase totalizaram

³³ ALONSO, Angela. **Crítica e contestação**: o movimento reformista da geração 1870. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol.15, n.º. 44, Out. 2000, p.35-55.

³⁴ ARRUDA, José Jobson & TENGARRINHA, José Manuel. **Historiografia Luso-Brasileira Contemporânea**. Bauru/SP: EDUSC, 1999, p. 12.

³⁵ GINSBURG, Carlo. **Micro-História e Outros Ensaios**. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1991, p. 215.



o conjunto das monografias aqui analisadas. Verifica-se, em suas orientações, a influência de análises próximas à composição da escrita da história do historiador pesquisado, com evidente influência da obra de Hayden White.

Essa produção recente da historiografia sergipana, especificamente a produção intelectual do referido departamento nos últimos anos, possibilita-nos perceber, através da discussão teórico-metodológica e das fontes utilizadas pelos seus pesquisadores, as transformações ocorridas na historiografia sergipana. Neste sentido, a análise deste material pode colaborar com o processo de avaliação dos cursos de história ora em curso no âmbito das universidades brasileiras, enfatizando a história da historiografia como instrumento relevante para mapear o processo de profissionalização do ofício de historiador em Sergipe nas últimas décadas.